

## Editorial

Marianne Lacomblez

lacomb@fpce.up.pt

Universidade do Porto – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação  
Rua Dr. Manuel Pereira da Silva  
4200-392 Porto

Caros leitores,

Se o processo de construção de uma revista on-line é, habitualmente, invisível para os leitores, a ocorrência de um problema ao nível do registo da marca Plur(e)al, acabou por nos obrigar a trazer à luz alguns trâmites desse processo.

Uma revista electrónica deve proceder ao registo da sua “marca”, como garantia da sua efectivação real e do seu reconhecimento legal. Trata-se de um processo moroso e algo complexo. Plur(e)al teve que se submeter a esta obrigação legal... E o processo concluiu-se da pior forma: fomos avisados da existência de uma “marca” concorrente que exigia a supressão da nossa...

A notícia abalou-nos; mas tivemos que nos render à verdade jurídica e procurar uma “marca” alternativa.

Nesta pesquisa, tentámos respeitar os princípios que sobre-determinaram a escolha de “Plur(e)al”: uma mesma significação em espanhol e em português; uma coerência com os princípios identitários da revista.

Optámos por Labor(e)al.

E o processo de registo desta nova marca concluiu-se há pouco – e de um modo positivo. Podemos, então, concretizar uma nova fase na vida da revista.

Obviamente, o trabalho realizado no âmbito do primeiro número de Plur(e)al passa a integrar-se em Labor(e)al. Importava, efectivamente, manter a continuidade. Várias medidas foram por isso assumidas, nomeadamente:

- Salvaguardar a imagem e o grafismo geral da revista;
- Editar o primeiro número de Plur(e)al como primeiro número de Labor(e)al: os autores dos artigos estão a ser informados da mudança e todos os leitores irão encontrar as novas indicações para referenciar bibliograficamente estes artigos;
- O endereço electrónico de Plur(e)al irá manter-se activo até Junho de 2007, redireccionando os leitores para o site de Labor(e)al.

Mas, apesar (agora já sem o pesar) desta mudança, este segundo número da revista prossegue o projecto já definido no primeiro.

E, com este objectivo, procuramos ilustrar, neste número, algumas das rubricas que ainda não tinham sido concretizadas. Assim:

- A rubrica “Discurso sobre o vivido no trabalho” relata a experiência de um inspector do trabalho em Portugal, incidindo particularmente no que caracteriza o sector da construção civil e obras públicas: trata-se de um testemunho e, como tal, tem a riqueza da sua especificidade; é por isso um apelo a outros testemunhos, a outros discursos, nomeadamente de outros inspectores do trabalho;

- Para a rubrica “Instrumentos de investigação”, optámos por dar aos leitores da revista a oportunidade de aproveitarem a reflexão suscitada no âmbito de um seminário do realizador Christian Lascaux, a propósito do uso do vídeo, realizado na Universidade do Porto em 2004 e 2005;

- Quanto à rubrica “Arqueologia do conhecimento”, esta beneficiou da porta aberta pela reflexão de alguns autores, a pedido da Société d’Ergonomie de Langue Française (SELF), sobre o tema “Ergonomie de l’activité et francophonie: h ritages, réalités et perspectives (<http://www.ergonomie-self.org/diffusion/contributions.pdf>). Pascal Béguin desenvolveu então as ideias centrais do seu texto inicial, apresentando-nos um artigo original que será, sem d vida, precioso para todos.

E se as rubricas de Labor(e)al prolongam as de Plur(e)al, reencontramo-las também neste número:

- Na rubrica “Estudos de caso”, a linguista Maristela França relata uma pesquisa conduzida num hospital público do Rio de Janeiro, atribuindo uma aten o particular a certas evolu es da actividade dos recepcionistas, na gestão colectiva do fluxo de pacientes. Além do interesse da pesquisa em si, o artigo revela ainda as particularidades do projecto de uma comunidade dialógica de pesquisa;

- Quanto à rubrica “Apresenta o de obras”, Marta Santos ofereceu-nos a síntese de um contributo cada vez mais actual para muitos investigadores: o da psicologia do trabalho de Yves Clot, que pretende articular o real e o realizado, o individual e

o colectivo, numa (re)construção das regras das profissões;

- Os “Resumos de teses, de comunicações, ...” articulam-se em três abordagens privilegiadas em três teses de doutoramento recentemente concluídas, escolhidas pela diversidade da ancoragem teórica e da tradição científica, assumidas pelos autores: Daisy Cunha ilustra o percurso teórico de uma investigadora que veio do mundo das ciências da educação e se interessou pela ergologia; Pedro Arezes, engenheiro, defende que se existem várias abordagens na percepção do risco, estas carecem frequentemente de análises quantitativas de factores centrais, tais como, os níveis de pressão sonora a que os trabalhadores estão expostos e as perdas auditivas que estes apresentam; enfim, Carla Barros Duarte mostra-nos as vantagens de uma abordagem alargada do campo de acção do psicólogo do trabalho, ultrapassando o nível da empresa e situando-se ao nível da comunidade local.

- Nas “Recensões críticas de livros”, Jussara Brito convida os leitores a entrar no mundo dos físicos e professores universitários, graças à publicação de Denise Alvarez “Cimento não é concreto, tamborim não é pandeiro, pensamento não é dinheiro! Para onde vai a produção académica?”

- “O dicionário”, que passou à letra “B”, usufruiu desta vez da longa experiência de Bruno Maggi, que nos demonstra como a redacção da revista fez uma óptima opção quando associou o “B” ao Bem-estar;

- Enfim, a rubrica “Importa-se de repetir?...”, dá visibilidade a uma nova parceria, estabelecida com a revista electrónica @ctivités, definida nos moldes da colaboração já concretizada com a revista *PISTES*. Publicamos, então, em conjunto, o artigo de François Daniellou que defende a necessidade de modelizar e referenciar no ensino as dimensões subjectivas da actividade do ergónomo. Este artigo está já *on-line*, em língua francesa, em <http://www.activites.org> e fica aqui em língua portuguesa: “Entre a experimentação regulada e a experiência vivida: as dimensões subjectivas da actividade do ergónomo em intervenção”.

A todos, desejamos uma boa leitura à luz dos olhares que estas pesquisas veiculam sobre o real laboral, que é como quem diz, sobre o labor(e)al...

Pelo Comité Executivo da revista.

Marianne Lacomblez